

OI
D.
L.
C.



Gaiato



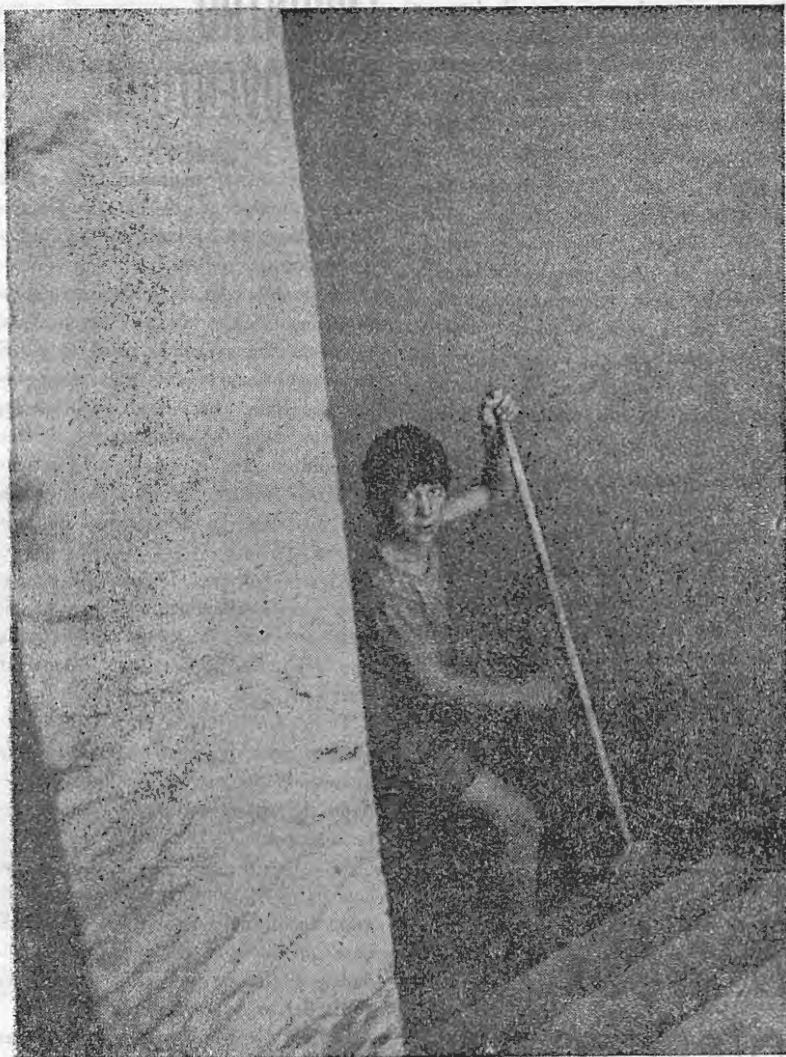
PORTE
PAGO

Quinzenário * 8 de Outubro de 1977 * Ano XXXIV — N.º 876 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Casa do Gaiato de Lisboa: Os olhos deste moço exprimem seriedade no trabalho — escola da vida.

PRESENCÇA

Foi há 17 anos, ao celebrar nas ruínas da velha Igreja de Cambambe. Nunca esqueci esse primeiro encontro com o canto litúrgico em língua e melodias africanas. A surpresa paralizou-me: perdi-me e foi difícil retomar o rito da celebração. «Melodias cheias de beleza e espiritualidade» — escrevi então. «Quem nos dera cânticos que elevassem como aqueles, nos que correm por aí!»

Depois, ouvi mais vezes. Nunca a primeira impressão se desvaneceu; antes se enraizou em cada nova audição.

Domingo foi a Festa do Nascimento de Nossa Senhora na Capelinha da Senhora da Graça que, da ponta do morro vizinho desta Casa do Gaiato, domina em redor até aos confins da cidade de Benguela.

Vindos de muitos lugares da diocese, juntaram-se cerca de quatro mil pessoas com o seu Bispo e o Delegado Apostólico que visitava esta porção da Igreja a primeira vez.

Desta feita não foi surpresa, mas assombro. Eu ouvira já pequenos grupos mas nunca

uma multidão daquele porte, em que não há passivos. Se quatro mil, são quatro mil bocas a responder e a cantar; oito mil mãos a bater palmas — o único instrumento acompanhante fora o pequeno tambor e os chocalhos, que ritmavam. Este unísono, a vivacidade dos cantos, não permitem os desfasamentos normais em assembleias tão extensas. Mas mesmo no diálogo não cantado que a Missa comporta, era sempre uma só voz, firme e decidida, o que nos proporcionava aquele grande coro reunido junto à Capelinha da Senhora sob a abóbada do céu.

O ofertório foi um momento extraordinário. Formou-se o cortejo com seus cestos e bandejas repletos de frutos e de

outros dons de cada um. E agora não é apenas canto; é o desfile dançado que continua em volta do Altar. Numa celebração destas não há pressas. O canto e a dança prolongam-se sem cansaço para quem participa e para quem assiste.

Antes, sim, aconteceu uma surpresa. Como era o Delegado do Papa quem presidia, para dar o sentido da universalidade da Igreja na unidade da Fé (tal como é costume em S. Pedro de Roma), o Credo foi cantado em latim, sem uma hesitação na palavra ou na melodia gregoriana. Com isto não contava. Menos, ao começar, com a perfeição do canto até ao fim. Neste momento, mais

Cont. na 4.ª pág.

PARTILHANDO

Um dia quente esteve hoje! Uma segunda-feira diferente... O nosso pessoal do campo foi todo mobilizado para Calves à procura de águas perdidas, dentro das minas, enquanto o sr. Mota, ao fazer uma pequena canalização na tipografia, descobriu uma fuga grande de água.

Faz calor e a água começa a ser problema. E por causa disso o Félix foi novamente problema — velho problema. Um senhor qualquer veio procurar um dos que estava em Calves e aí vai o Félix, perdido e desenfreado, levar lá o recado. Ninguém soube dele durante horas. Mas voltou como era de esperar, com histórias complicadas de amabilidade a que se atribuiu um castigo sério do «recolher obrigatório», logo após o jantar e durante um mês. — Um castigo duro! — disse ele. Mas, às vezes, que um mal nunca vem só. D. Mimi chegou e viu o Félix em tribunal a receber o castigo. Ora, a pedido dele, a senhora tinha trazido um fato de Karaté para lhe oferecer. E pronto! A alegria de dar, a alegria de receber — tudo cancelado — até que o menino

prove que é capaz de merecer mais a confiança de todos. Um compasso de espera, sem limites... que o fato será dele, mas o tempo vai ser juiz.

Ao meio da tarde, o Jorgito veio-me chamar, que um senhor me queria falar. «Dois minutos, só.» Um donativo oportuno, com a alegria rara de querer repartir cada vez melhor. Falou-me com novidade do «velho» 25 de Abril: «Aprendi a tomar mais consciência da necessidade de partilhar mais e mais o fruto do meu trabalho com os mais esquecidos...» Disse-me que era cristão... E falou menos com a inteligência do que com a profundidade do ser Homem em transformação... A Esperança de que nós Povo havemos de saber encontrar a Liberdade no Bem, com Justiça... Oxalá, brevemente, pois o preço dos impasses inconscientemente vividos costuma ser caro. Por isto ou por aquilo, já nos começamos de novo a destruir, porque se volta a perder a lucidez das situações? Aguardemos, mas não troquemos mais a unidade do mo-

Cont. na 3.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

Andamos atarefados a construir mais uma escola primária. A sala que nos serve há 22 anos já há muito não chega para a nossa população escolar e tem funcionado (e continuará a funcionar!) em regime de desdobramento.

O grupo dos obreiros anda a armar a «cofragem» e a cortar e amarrar ferro para o primeiro piso. Trabalho este também escola para eles. Todo o trabalho em nossas Casas não tem primariamente a função do lucro, mas atendemos a que seja sempre escola de preparação para a vida. Escola de sacrifício, pois não há coisa alguma nobre e útil neste mundo que se consiga sem grande sacrifício. O sacrifício é o cimento de toda a obra bela e duradoura que nasce, cresce e se desenvolve; e se a pedra é a fé em Deus e o amor aos Irmãos, então a obra tem sabor de eternidade.

O nosso grande e primeiro cuidado tem de ser a escola primária. É a grande forja da vida da criança, sobretudo da criança que não teve família capaz. E as crianças de todas as Casas do Gaiato têm direito a esta fonte que lhes forje a vida. Fonte que brote especialmente do coração dos professores. Cada vez me encanto mais com a missão sublime que têm os nossos professores!

Também esta escola irá ficar linda e acolhedora. Com sacada revestida de flores e fogaço de

sala a aquecer. Com janelas voltadas ao nascente e átrio abrigado à entrada. Com o campo de bola na frente e salão de jogos mesmo ao lado.

Queremos ajudar a construir vidas felizes numa sociedade que parece querer inverter os valores reais. Queremos escolas novas, lindas e acolhedoras, onde professores comprometidos em formar seriamente vidas humanas possam temperar a criança que está a ser corrompida por ambientes de libertinagem e seduzida por programas, cartazes, livros e folhetins dominados pela pornografia e falsas doutrinas.

É a hora de jantar. A vida portuguesa pára diante dos écrans. É a Gabriela. Para a maior parte dos telespectadores (e para todas as crianças) não conta o valor dos artistas; mas importam mais os valores negativos que entram pelos olhos e por todos os sentidos: a prostituição, a compra e troca de mulheres, a infidelidade do homem, o negócio com a religião e o ridículo de ritos e orações, a vingança, a covardia, os cabarés, a burguesia. As crianças estão presentes e não podem tapar os olhos, nem escantar os sentidos.

Vamos construir a nossa escola nova. Vamos construir escolas novas para uma vida nova de todos os portugueses. Ajuda no que pudeses.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Permanece o drama de Viúvas sem pensão de sobrevivência!

Queríamos não falar mais no assunto, mas as circunstâncias obrigam a sermos voz dos sem voz.

Ela vinha triste: — Não tenho sorte...! Eles dizem que o meu home só descontou dois meses e querem saber se andou por outra Caixa...

O negro traje da Viúva torna-lhe as feições pesadas.

— Não tenho sorte!, repete.

— Vamos lá ver o que se poderá fazer...

— Eles são assim, não botam a mão a toda a gente! Inda se tivesse sabido a tempo e horas...

O busilis da questão está aqui, porque ainda hoje não se atenta no País real! Resultado: enquanto milhares de Viúvas em situação idêntica — cujos maridos mal descontaram para a Previdência e nada para a pensão de sobrevivência — requereram dentro do prazo estabelecido no célebre decreto já revogado!, outras, as marginalizadas, que não lêem jornais, não ouvem telefonia nem televisão, em suma, analfabetas, essas, tão necessitadas, só expirado o malfadado prazo souberam do benefício e, agora, são enxotadas sem dó nem piedade. «Cumpra-se a lei»...

Onde está a Justiça?

Mostra a carteira sindical, com data de 1949: — T'á a ver, o meu home era pedreiro...

Alguns notáveis monumentos nacionais, em granito, no norte do País — beleza dos nossos olhos! — foram restaurados com o engenho do seu pico, pedra arrastada ao som cadenciado do «ó pedrinha ó, ó pedrinha ó»...

As mãos calejadas do verdadeiro artista que Deus tem, descontaram para a Caixa Regional do Abono de Família e, depois, menos tempo (dois meses), pelo que informam oficialmente) para a Caixa de Previdência do Distrito do Porto.

Ela não teve a sorte de outras e sofre, agora, as consequências: — *Antão as outras arrecebem e eu não arrecebo...!?*

O prazo do tal decreto é mesmo certidão d'óbito?!

A gente sabe que os prazos são necessários. Mas não há lei sem excepção, particularmente nos domínios do social. O certo é que os responsáveis têm obrigação moral — e política — de reconsiderarem imediatamente no sentido de resolverem situações deste género, por mor da Justiça.

Foi já carta para a Caixa Nacional de Pensões com mais elementos a ver se a gente verga a burocracia...

Entretanto — segundo o nosso P.e José Maria — um simpático grupo de funcionárias de determinada Caixa, atentas e pressurosas, tenta resolver um caso semelhante já aqui referido. Afirma o Padre José Maria: «Elas (as funcionárias) descobriram um decreto na «secção de alcáfitas» que dá uma achega e ficaram tão interessadas que me chamaram...»

Tomem lá as nossas mãos ambas! Isto de decretos é complicado...

Entretanto, vamos ver se o Terreiro do Paço decide olhar mais para o espírito do que para a letra da lei que, neste caso, é iníqua!

PARTILHA — A «migalhinha habitual» da assinante 11162, do Porto. Mais o casal assinante 17022, que nunca falta! Mais 100\$00 do Transvaal. Mais 280\$00 «por alma de meu Pai Artur», de A. F. do Porto que nos diz:

«Desculpem esta demora de quatro meses, pois vou juntando o dinheiro que aí vos faz tanta falta.

Esta demora não é por menos amor, pois além de vos lembrar todos os dias junto do Senhor, espero sempre com a mesma alegria o nosso encontro de quinze em quinze dias, no nosso querido O GAIATO.»

Mais 40\$00 do assinante 30466, do Porto. «Para tapar um buraco da Conferência», 200\$00 de Gaia, assinante 14305. O habitual vale do correio da rua Pascoal de Melo, Lisboa. «Agradecendo o anonimato habitual», 500\$00 de Oliveira do Douro, pedindo «uma oração por todos nós — do mundo inteiro — para que Deus nos perdoe as nossas faltas sem fim e nos ajude a olharmo-nos uns aos outros como verdadeiros Irmãos; e que na prática, no dia-a-dia, a caridade se eleve entre todos nós como elo de indestrutível ligação». Este nosso Amigo traz sempre Mensagem oportuna.

«Uma figueirense» manda 200\$00 pedindo desculpa de «ser pouco». É uma presença que se vai habituando a esta coluna!

Mais 200\$00 de um licenciado, muito amigo, do Fundão:

«Passa no dia 16 o aniversário do falecimento de minha Mãe, pelo que junto esse cheque a fim de socorrerem uma velhinha, pedindo-lhes uma oração. É óbvio que se tiverem outra necessidade mais urgente, vossa decisão será sempre boa.»

No Espelho da Moda entregaram-nos 500\$00 da assinante 13519; 20\$00 num sobrescrito; 100\$00 da rua do Outeiro, Porto; e o mesmo da assinante 19177.

Entre seis coube-nos um conto de L. Costa, cuja vida é gasta a tratar dos Outros. E da rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa, no «regresso das minhas férias no Algarve, com o meu marido, aqui estou a dar sinal de vida»: 200\$00. Obrigado.

Júlio Mendes

ENCONTRO PARA CATEQUISTAS

No dia 14 deste mês teve lugar, em Coimbra, o Curso de Iniciação para Catequistas.

Quatro dezenas e meia era o número de participantes deste curso.

Cara novas e cheias de interrogações, idades desproporcionadas, muitos concelhos ali representados faziam com que cada um de nós perguntasse a si próprio: — O que será isto? Como irá ser?

O primeiro encontro foi na sala de jantar. Depois deste já toda a minha gente falava...

O curso teve início. Quem éramos? O que fazíamos? O que queríamos daquele curso? Todas as perguntas tiveram resposta simples, já há muito comprometidas.

Todos nós participámos neste curso com propósitos. Esquecimento total das nossas obrigações diárias, um encontro profundo e íntimo com Cristo e com os outros, que, como nós, queriam ajudar a levar a Boa Nova aos Irmãos, especialmente às crianças.

Os temas tinham como tónica: Nós somos a família de Deus e todos caminhamos em conjunto para o Pai.

Reflexões individuais e em grupo ajudaram-nos a encontrar esse caminho, a conhecermos essa família que conosco caminha nessa direcção.

Um dos nossos propósitos era aprendermos a ser mensageiros da Boa Nova junto das crianças que frequentam a Catequese.

Todos ficámos com as primeiras noções do que é fazer uma sessão de Catequese, pois que, para isso, a equipa orientadora foi muito consciente e competente no seu trabalho, não faltando com a sua palavra experiente, material didáctico e audiovisuais necessários e apropriados.

Como é dada a Catequese nos nossos dias, foi um ponto focado muito a sério. Vimos, reflectimos e concluímos que só quem estiver devidamente preparado deve enfrentar esta aventura. Muitas vezes o nosso propósito é fazer com que ela seja e diga algo aos Outros; mas isso não acontece, sem que antes nos tenha dito isso a nós.

Como é sabido, nestes encontros a alegria nunca é dispensada; e, assim sendo, durante estes oito dias ela teve o tal lugar e foi bem manifestada.

Um dia de espiritualidade também fazia parte deste nosso encontro, e nele teve lugar a celebração penitencial.

Para muitos, senão todos, já eram esperados, e como tal os frutos que dele colhemos foram muito positivos.

Chegou a hora de partirmos para nossas casas; muitos beijos, muitos abraços e muitas lágrimas marcaram a partida. Porém, para além disto

DISCURSO DIRECTO

Ontem havia cais de embarque e [aerogramas] — Mas não havia Juventude...

Havia terra e céu — Mas não havia pão e o ar faltava...

Em cada português habita um Povo Povo que acorda e sente Que Pátria além do mais é espaço [de direito] Onde se impõe viver activamente.

É pertencer a terra àquele que a [habita].

É a suor conjunto Do operário e do gestor É darmos as mãos na mesma luta.

É jamais consentirmos Que uma apurada e fausta congestão Forçosamente custe Muitas bocas a quem mingua o pão.

É este esforço colectivo Para que todas as crianças cresçam [livres].

É a cada família a sua habitação E a cada português O direito ao ensino e à saúde.

Eis a questão: viver Não é estar, é ser!

Neste chão lusitano Que nenhum português o seja por [engano].

V. N. Gaia, Set./1977 Santos Silva

tudo, algo mais importante ficou em nós: a certeza de que vale a pena amar Cristo. Cristo é o único caminho, e os jovens querem palmilhar esse caminho que se lhes abre.

Prometemos voltar brevemente. O tempo dirá.

Zé Domingos

ENCONTRO DE JUVENTUDE

Sete horas e trinta minutos e já muitas camionetas de carreira se encontravam em marcha, rumo a S. João da Madeira.

Camionetas que transportavam o dinamismo e a alegria juvenil em momentos como o que passávamos. E isto manifestava-se através das nossas cantigas berradas, barulhentas, com as vozes descontraídas, graves e agudíssimas: através das cantigas que nos traziam recordações e com que nos dávamos a conhecer uns aos outros.

Alguns convivas faziam-se acompanhar por familiares que na sua juventude um tanto ou quanto adiantada não deixavam de partilhar e conviver conosco.

Tudo nos ajudou no decorrer de uma viagem que nos poderia parecer demasiado longa, visto que a ansiedade de nos encontrarmos com todos fazia-se sentir.

Chegámos, saímos, corremos. Abraços, beijos, lágrimas. Sintomas de alegria incontida, desabafos, alívio. E ia-se apoderando de todos a serenidade, o clima, que o ambiente não podia deixar de ser fraternal.

Era, e está-nos na caixinha das recordações, o IV Convívio-Animação dos Convívios Fraternos a nível nacional e assim, também, a comemoração do Convívio Fraternal N.º 50 do qual fizeram parte entre cinquenta a sessenta jovens que engrossarão mais o núcleo composto por cerca de dois mil convivas que optaram por Cristo — Caminho, Verdade e Vida.

No encerramento do 50.º Convívio, às palavras vibrantes dos participantes seguiu-se a celebração da Eucaristia e as palavras do Sr. Bispo do Porto alertando os jovens em virtude dos perigos que nos espreitam: a droga, o sexo, o roubo, a frustração e o suicídio.

Caraç banhadas de lágrimas. Lágrimas que iam de rosto para rosto, vindas do mais profundo da alma.

Almoço, boda ou piquenique, seja o que lhe quiserem chamar, tudo comum. Come-se, bebe-se, predomina a fraternidade. O amor entre os Irmãos. A Paz. O Mundo novo.

A tarde, mais. Por uma questão de método cada região formou grupo e mostrou as suas habilidades cantando, dançando, «barracadas»... É natural.

Despedida. Fim dum dia feliz em S. João da Madeira e desejo de dias idênticos nas diferentes terras de cada um.

Os corações vão cheios, o espírito rejuvenesce, o regresso é mais rico em barulho. Em alegria!

Depois... a vida real.

Benjamin



Ruil Preza e Filomena Maria, de Benguela.



Paço de Sousa

EXPOSIÇÃO — Em fins de Julho, o Luís, filho do Júlio Mendes, trouxe até nossa Casa uma exposição de pintura — executada por ele próprio — que nos agradou.

Só agora é que podemos dar a notícia, devido ao atraso das fotografias que aguardámos com expectativa.

Acorrem várias pessoas ao local: visitantes, rapazes, amigos, etc.

O autor é estudante na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, no Porto, e fez a selecção dos seus melhores trabalhos para a dita exposição.

Alguns quadros foram executados em sua casa, num local que ele para lá tem onde passa a maior parte do tempo.

Tudo estava bem controlado e limpo. Cartazes anunciavam a exposição. As pessoas visitavam, guiando-se pelo catálogo com a fotografia do autor e os respectivos nomes dos quadros.

Depois desta exposição, o artista foi convidado para outra, em Cête.

Ficamos aguardando mais outras

Abel no fim da Missa: «Pensei que fosse pior do que aconteceu»...

PRAIAS — Já não estamos bem no seu tempo, mas é só para informar que o último turno dos vendedores regressou e, ao que parece, um pouco descontentes pelo tempo que se fez sentir.

FRUTA — Este ano é mesmo muito pouca!

Pêssegos nem os provámos. Temos comido maçãs, mas em relação ao ano passado nem se compara!

As uvas também não são nada famosas. Mesmo assim ainda são a tentação de muitos que por lá vão e comem, estragam até se fartarem!...

Provar um cacho ainda está na ordem do dia; agora provar vários cachos é que não está certo.

Enfim, isto sempre aconteceu, acontece e há-de ir acontecendo...

SERVIÇO MILITAR — Foi chamado, há dias, a cumprir serviço militar o nosso Germano. Outros aguardam vez.

Nos fins de semana, quando vem, a frase «piu-piu» é muito ouvida em todo o refeitório. Não sei explicar o

Nesta altura, uma máquina fotográfica fazia bastante jeito!

Agostinho diz que quer ir correr com os outros! Respondi que isso não era nada comigo, que falasse ao Alvaro.

Realmente agora está-se a criar um clima de atletismo. Nunca houve cá em Casa uma coisa assim!

O futebol parece-me que ainda não acabou, mas, pelos vistos, está tudo virado para o atletismo.

Outro dia foram alguns correr a Alfena. As classificações não foram lá muito famosas, mas no meio de tanta gente e tantos concorrentes era impossível fazer melhor.

Agora, até o Agostinho por lá anda!

Vamos ver onde isto vai dar. Ou será só ilusão?

«Marcelino»

O SOL!

Ó Sol que iluminas
E dás claridade ao céu,
Tu nem um pouco recuas
Para que no mundo se construa
A alegria de tudo
Que também é teu.

Ó Sol
Que és forte e corajoso,
Presenças tantas gucras
Que houve e haverá no mundo!
Guarda lá pacificamente
A terrível destruição
Na alma do teu clarão...

Ó Sol glorioso!
Dás alegria às pessoas,
Satisfazes o coração,
Enches o corpo de pureza
Nas férias de Verão!

No mundo em que habitamos,
Das plantas ao ser humano
Tudo morre infelizmente,
Mas tua luz
Ó astro-rei
Viverá eternamente...

Neste Universo profundo
Só a guerra é inimiga;
Mata tudo,
Só desfaz!
O meu maior desejo
É que no Outro Mundo
Estejas também presente
Com o abraço da Paz.

Sérgio Lopes Cereja

Setúbal

APRESENTAÇÃO — A vossa carta deu-me um pouco de ânimo que precisava. Obrigado.

Aceito o convite para dizer algo da vida e ambiente de nossa Casa de Setúbal. É que não somos «um bocadinho preguiçosos» a dar notícias para O GAIATO; eu corto «um bocadinho» porque nós somos mesmo preguiçosos...!

FUGAS — Nos últimos tempos houve muitas! Rapazes que entraram e, depois, não sei porquê, fugiram. Seguem o exemplo do Filho pródigo...

Há dias, recebemos o Paulo Sérgio, que fora embora com a irmã para a miséria — como nos contou. Mas, agora, ahala novamente com outro rapaz, também fugitivo: o Henrique «Minhocas»!

Desejaria muito que estes nossos irmãos soubessem encarar os porquês da vida e aceitá-la de ânimo forte, pois sem ele não poderemos atingir

RETALHOS DE VIDA

O Carlos Alberto



Sou natural de Águeda, Aveiro, onde nasci em 6 de Dezembro de 1959. Eis a minha história, retalhos da minha vida: quando, como, porquê e para quê entrei na Casa do Gaiato de Benguela.

Entre em Casa do Gaiato de Benguela em 3 de Fevereiro de 1970, pois minha mãe faleceu tinha eu pouco mais de dois anos.

Estive até aos sete anos com o meu pai, que, mais tarde, me abandonou até hoje, deixando-me em casa de uns senhores a quem por amor chamo padrinhos.

Estive com os meus padrinhos até aos dez anos. Depois o meu padrinho, que trabalhava na Alfândega do Lobito, foi tranferido para Luanda; minha madrinha tinha de ser tratada no hospital devido ao sistema nervoso.

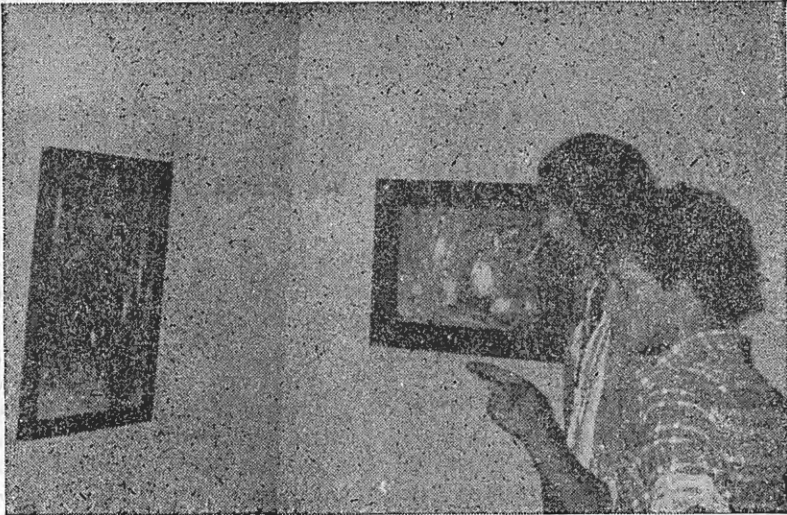
Com essa transferência e com o tratamento da minha madrinha, os meus padrinhos não me podiam levar e então resolveram deixar-me na Casa do Gaiato de Benguela onde fui recebido carinhosamente pelas mãos do Sr. Padre Manuel António.

Desconheço por completo a minha terra, meus tios, meus primos e, até já, o meu próprio pai. Pois meu pai desapareceu de mim desde os sete anos até hoje, deixando-me a mim e mais outro irmão que também não sei do seu paradeiro.

Cá me encontro na Casa do Gaiato de Benguela na companhia de todos os meus colegas e agora também na companhia do Sr. Padre Carlos. Hoje, porém, trabalho no escritório da nossa Casa e sou o chefe-maioral. Finalmente, encontro-me satisfeito. Estou em minha Casa. Porta aberta para casos como o meu e outros semelhantes; ou ainda mais trágicos. Para todos vós, queridos leitores, aqui vai um pouco da minha vida.

Envio para todos um abraço cheio de amor.

Carlos Alberto Lopes de Melo



O Luís aponta para um quadro da sua exposição

exposições. Cremos não será breve, pois agora o tempo de aulas não lho permite.

MÚSICA — No passado Domingo, 18 de Setembro, os nossos dois guitarristas saíram. Um foi ao Porto e o outro a Braga.

Fizeram falta, pois na Missa acompanhavam os cânticos. Como não estavam...

O «Capitão» foi o homem que me substituiu na bateria. Eu fui acompanhar no órgão.

No sábado de tarde eu e o «Capitão» tivemos um ensaio. A coisa promete! Combinámos outro à noite, mas como dava a «Feira» não pôde ser. Mesmo assim «Capitão» fez força para que houvesse mais um.

No domingo de manhã vai acordar-me antes da hora e diz-me que é conveniente fazermos um ensaio. Concordei.

Durante o «Capitão» deu-me a ideia de que teria uma brilhante actuação.

Enganei-me! Não sei se por ser a primeira vez, ou por nervosismo, a coisa saiu mal. O coro não estava seguro e acima de tudo a assistência não se prestou a cantar!

Assinalamos, porém, que o «Capitão» tem vontade de acertar e com mais um pouco de esforço não terá obstáculos.

Se por acaso tivéssemos mais violas, e quem soubesse tocar, a coisa seria bastante melhor.

Concordamos com a opinião de P.e

significado dela mas... os colegas sabem-no bem.

Boa sorte no teu serviço!

OBSERVANDO — Há dias, num recreio, fui até à parte detrás das nossas escolas. «Tó» e Lourencito jogavam ao berlinde.

Cheguei e não queria ser visto para observar mais à vontade aquele jogo cheio de regras e que eles não faziam respeitar.

Um percebia melhor de regras, enquanto outro pouco ou nada. Chegaram mesmo a agarrar-se para se baterem um ao outro! E foi neste momento que intervi.

Perguntei o que se passava.

Disseram-me logo que o jogo não estava a correr bem.

Não era isso que queria saber e eles também sabiam que não.

Perguntei porque é que não jogavam em condições e porque era preciso andarem um contra o outro. Lourencito respondeu que o «Tó» teimava que já ia para a «mata» e sabia bem que não; mas como eu também não percebia nada do jogo disse que não se preocupassem e que recomçassem. Estava o jogo a decorrer normalmente e a sineta toca.

Teimavam em acabar, mas não deixei.

FESTIVAL — Consta também que vai haver um outro Festival Desportivo. Desta vez será o «Torneio das Vindimas/77».

Quando o jornal estiver nas vossas mãos ainda se estarão a disputar provas.

PARTILHANDO

Cont. da 1.ª pág.

mento presente por decisões ou afirmações que o vento já levou e, agora, nada ajudam à mudança. Assim se foram embora aqueles «dois minutos, só», sem relógio, com um contrato final de nos reencontrarmos, mas no Barredo de Pai Américo. Essa é que eu não esperava. Até lá se Deus quiser.

Nessa mesma tarde, tínhamos aqui falado dos nossos problemas materiais: casas em reconstrução e construção, novas adaptações e tudo tão caro! E logo uma «bolada» assim rica pelo conteúdo de pobreza e disponibilidade que carregava o seu interior... Lições!

E já que falamos em lições, à noite mesmo, o «Capitão» estava no estudo, sentado na cadeira. O livro era uma regueifa e o lápis, uma faca.

E disse-me que aquilo era para distribuir pelos colegas de estudo. É a ciência do pão ao lado e acima da ciência do espírito. A primeira ainda é a mais apetecível. Vamos ver

o objectivo principal: sermos Homens úteis.

Entretanto, fico a contemplar o passado, sonhando o Amanhã na vontade de vencer os problemas que nos traz. Deus nos ajude!

«Garrote»

se o «Capitão» irá ser bom pai. Por este andar, a 4.ª classe é para se ir fazendo... O «Capitão» é dos arredores de Lamego e não conhece terra, nem pai, nem mãe...

Padre Moura

Pobres

De acordo com números oficiais, o país mais rico do mundo — os Estados Unidos — tem vinte e seis milhões de Pobres; mais dois milhões desde o ano de 1975.

Após nove anos de trabalho votado à análise deste grave problema, os especialistas da Universidade de Michigan chegaram à conclusão de que os programas federais e locais de «subsídios sociais» — que custam aos contribuintes americanos 30 bilhões de dólares — não conseguem melhorar a situação financeira das famílias com um nível de vida inferior ao nível de pobreza estabelecido oficialmente.

James Morgan, que orientou o estudo, declarou ainda — segundo lemos — que os programas em vigor não ajudam os Pobres da América do Norte a conseguir um emprego nem lhes dão qualquer segurança para o futuro.

Que diagnóstico, meu Deus!

Júlio Mendes

As nossas Edições

● O LIVRO «DOCTRINA» NA PONTA FINAL

A impressão do segundo volume do livro DOCTRINA está na ponta final. Mas, daí a ser expedido para os interessados ainda demorará algum tempo.

Com esta recensão, em título adequado, publicamos mais um bom naco do espólio literário de Pai Américo, disperso pel'O GAIATO.

Boa notícia: quando o DOCTRINA chegar à mão do leitor teremos já matéria compilada para o terceiro volume. O nosso Padre Carlos não deixou de levar na manga, para Angola, alguns números de O GAIATO para escolha de material,

nas poucas horas vagas da sua vida cheia em nossas Casas do Gaiato de Benguela e Malanje!

Assim procuramos corresponder ao vivo interesse dos leitores pelas obras saídas do punho de Pai Américo. No prefácio do primeiro volume friza ele:

«Vão os leitores encontrar neste(s) livro(s) riquezas que os outros não tiveram: cartas. Cartas dos assinantes de O GAIATO. Muitas são as que recebemos e não publicamos. Muitas as que temos publicado e não transmitimos aqui. Mas as que aparecem são documentos de vitalidade perene da Doutrina de Jesus. Classes. Categorias. Idades. Políticas. Sexos. Os descontentes. Os afastados. Os contra. Os a

favor. Todos à uma e cada um em seu estilo afirmam que «nunca nenhum homem assim falou».

A propósito de cartas: pelos nossos olhos pecadores passam todos os dias muitas delas. São documentos d'alma. Desabafos, interrogações, exultações.

Quem seria capaz de pô-las debaixo do alqueire? Pior ainda: no caixote do lixo?!

Ouçamos: «Já li alguns volumes da vossa Editorial. Tanto de proveitoso aprendi neles!»

Mais outra: «Agradeço, logo que possível, me enviem os livros do Padre Américo que tenham para entrega imediata. Um de cada. Eu já os tenho, mas são para oferecer a uma menina de 17 anos que gosta muito de ler e que está retida no leito há anos. Vejo ali uma alma com muita Luz.»

E mais outra: «Junto 100\$00 para satisfazer a despesa do livro que tiveram a caridade de me mandar

e que ainda não possuía, se bem que sentia o desejo de o encontrar.

Vou lendo a obra à noite, antes de deitar, devagarinho e saboreando, pois toda a doutrina tem que ser bem assimilada para poder ser bem vivida.»

E, por fim, ainda mais outra:

«Para crédito da minha conta, que, por princípio, é sempre devedora, dado que sempre todos ficamos a dever à Obra da Rua, remeto um cheque.

Logo que me seja possível enviarei mais para cobrir as despesas da assinatura do «Famoso» e o valor dos livros recebidos e sempre com tanto interesse para pais e filhos.

É triste verificá-lo mas, actualmente, é das únicas coisas boas que se publicam e se escrevem que possa ajudar a formar Homens com boa consciência cristã.

Ele gasta-se tanto papel mal gasto!»

Esclarecemos os novos leitores de O GAIATO que poderemos servi-los, já hoje, com qualquer obra da nossa Editorial.

Esperamos notícias.

Júlio Mendes

O nosso Jornal

Uma carta de Lisboa. Ora ouçam:

«Meus bons amigos: Mais uma vez o monstro da inflação — esse «glutão» que está destruindo as economias de todo o mundo — ameaça agora o nosso querido «Famoso».

Um aumento no custo do papel — conforme relatam no vosso artigo — é factor muito gravoso na economia de qualquer jornal; e muito especialmente num, como é o nosso O GAIATO.

Por que, para aqueles que verdadeiramente o amam, meia palavra basta, aí vai a presença (2.000\$00), fazendo votos que todos os outros respondam também na medida das suas possibilidades.

Um grande abraço para todos, do velho amigo «já muito velho».

Retribuímos com muita amizade.

Presença

Cont. da 1.ª pág.

que em nenhum outro, me senti pequenino diante de todos aqueles Irmãos pela Fé e pelo Baptismo — e afloraram lágrimas. Aliás, a FESTA que foi a Eucaristia toda, plena de acção de graças e de súplica, densa de louvor e de propiciação pelo entusiasmo e sacrifício de tantos que ali vieram de longe, que ali ficaram ao relento, alguns mais de uma noite — foi toda Ela chocante. As lágrimas eram de alegria pela oportunidade que me foi dada de participar numa manifestação tão pura e eloquente da Fé, de experimentar a felicidade de que a Fé é portadora. E, se alguma tristeza comportavam, essa vinha do contraste da velha cristandade a que pertencço, envergonhada, passiva, muito séria, muito formal, que faz da Memória da Paixão e Morte e Ressurreição de Jesus um Acto muito solene e nada festivo.

Pois não foi a Paixão e Morte e Ressurreição do Senhor, a vitória definitiva sobre a morte e a causa da nossa ressurreição? Mais: não foi Ele mesmo Quem, em referência ao Seu sacrifício, antecipou para a véspera o memorial que nos convidou a repetir pelo tempo em fora e instituiu sob a forma de uma Refeição? E uma refeição não é festa? Como não recordar em sentido de festa um Acto tão pujante de bens, tão promissor de felicidade?

Muito mais coerente com a Fé, a atitude dos nossos Irmãos africanos! «Ó morte, onde está o teu aguilhão?, a tua vitória?» Cada Missa que celebramos é um novo repto ao poder do mal, um canto de glória e acção de graças ao Servo sofredor cuja fidelidade à vontade do Pai, Lhe mereceu um Nome que está acima de todo o nome, diante do Qual se dobra todo o joelho nos Céus, na Terra e nos Infernos» — um

canto em que «toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para glória de Deus Pai».

Em confiança profunda, em consciente alegria, sejamos dignos desse Nome que trazemos em nós.

Padre Carlos

Um AMIGO

Muitas vezes tenho notado quanto o Senhor ama este Seu amigo.

Em diversas ocasiões eu vi brilhar os Seus olhos quando nos encontramos após longa ausência.

Damos um abraço muito satisfeito quando nos arrependemos de todos os males que tenhamos praticado.

Desatamos a falar ambos como passarinhos, dizendo muitas coisas alegres, contentes, felizes por estarmos juntos.

E depois, com mais tempo, as conversas começam a ter mais sabor conforme o nosso arrependimento.

Em Seus lábios há sempre um sorriso para mim.

Em sua boca, um conselho cada vez melhor para que acabem as guerras e se extingam os ódios dos corações.

Verifiquei quanto o Senhor me quer de verdade no tempo que me dedica, na entrega que me oferece com a Sua companhia na Santa Eucaristia.

É coisa admirável ser cristão. Torna-se fácil caminhar assim pela senda da vida com os olhos postos em Deus que nos ama.

Que este mesmo Jesus que quer o bem do Povo, continue a encher com a seiva do Seu Sangue e do Seu Amor os bagos humildes do nosso pequeno cacho que é este nosso Povo Angolano.

Carlos Alberto

Lar Operário em Lamego

● A crónica d'hoje faz parte do nosso diário e pode ajudar os leitores a terem uma ideia mais exacta da vida do Lar de S. Domingos.

A nossa Casa fica numa rua central da cidade. Não temos quintal. Há só uma porta de serviço que os rapazes e outras pessoas nem sempre têm a preocupação de fechar. Sobre o assunto nunca se fez qualquer recomendação. Na verdade, muitas vezes só se dá conta de alguém dentro do Lar quando já muito no interior batem as palmas ou chamam mais alto. Até agora tem sido assim, mas parece exigir-se

mais cuidado. Com pequeno intervalo, do fundo das escadas, a dois metros da porta de entrada, desapareceram um tapete no valor de 120\$00 e um chapéu de chuva que, dias antes, custara 270\$00.

Quem levou estes objectos não saberia que vivemos de donativos?!

● O José Maria que veio de Angola e agora deve ter à volta de 15 anos, foi um dos nossos. Chegou ao Lar porque não tinha horas de comer, nem refeição certa, nem local para passar a noite. Fizemos tudo para que se adaptasse à convivência com os outros companheiros. Com um feito muito próprio, dava origem a frequentes questões e zaragatas. Houve promessas, castigos, mudanças de ocupação. Nada conseguimos. Não poderia continuar no Lar. Era preciso estudar a situação deste rapaz. Andámos de casa em casa para que não voltasse à rua. Estávamos dispostos, contando sempre com a generosidade dos amigos da Obra, a colocá-lo numa pensão. Já tinha onde trabalhar. Nem todos compreenderam a nossa atitude. Suportámos tudo por amor ao rapaz. Finalmente, conseguiu-se que, onde trabalhava, lhe dessem de comer e

dormir. As informações colhidas dizem que o José Maria parece dar conta do recado.

● Vieram-nos falar de duas crianças que, em casa da família, precisam de alimentação mais cuidada. A idade que têm exige outro desenvolvimento físico. Assim diz o médico. Os remédios, só por si, não produzem os resultados desejados. Sem fazer orçamentos vamos dizer que sim. Têm sido assim as nossas contas e, no fim do ano, esperamos que mais uma vez dêem certas. Com saldo não contamos, nem é preciso, mas se houver deficit, avisamos os que nos costumam acarinharem.

● As festas da cidade decorreram com brilho e entusiasmo, mas já não podemos dizer o mesmo da nossa Tómbola. É dali que nos vem ajuda para algumas despesas. Esperamos que os amigos se não cansem, nem fiquem pelo caminho. Vamos, desde já, preparar a do Natal. Aos poucos, e quase a brincar, se pode fazer muito bem. Para outras coisas será preciso oferecer donativos de vulto, mas para a Tómbola migalhinhas também são pão.

Padre Duarte

Uma CARTA

É de Coimbra. Escrita pelo coração de «Uma mãe muito preocupada».

Aqui está:

«Junto envio 20\$00 do primeiro ordenado de um dos meus filhos.

Desculpem. É uma migalhinha que só dá para um maço d'algodão!

Mas eu queria que o meu filho começasse bem, mesmo que fosse com pouco.

Ele precisa muito das vossas orações. Não que seja mau; a sua bondade e a pouca experiência da vida pode levá-lo a cair numa armadilha que não sei como se safará dela!

Fica muito grata uma mãe muito preocupada.»



Gaiato

Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa